

MULHERES NEGRAS PESCADORAS: MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.

Maria José dos Santos¹

Introdução

O referido Estudo é resultado de experiências, vivenciadas durante as oficinas com Mulheres Negras Pescadoras do Litoral Sul de PE, no decorrer do curso de Gestão Social, promovido pelo Estado em parceria com as Organizações Não Governamentais-ONGs. Este trabalho inspirou uma nova reflexão com base em alguns estudiosos que nos últimos anos, tem se debruçado em analisar as questões voltadas para a realidade das mulheres negras (CARNEIRO 2014, THEODORO, 2011, GOMES,1996) e suas identidades(HALL,2006, MUNANGA, 2008, SILVA, 2013). O intuito deste é perceber como essas mulheres pescadoras trazem a memória do ser negra no contexto da pesca. As mesmas são oriundas de Gaibu, Tiriri, Itapuama e Suape, são praias localizadas no Cabo de Santo Agostinho-PE, que tem suas areias douradas, mar de águas claras e paisagem com rochas.

O nome de Gaibu é de origem Tupi, dado pelos indígenas que usufruíam de sua beleza, significa Pedra Bonita. As demais que se encontram em seus arredores também são praias que possuem densos coqueirais, belo mar azul e areias claras e finas. O banho é o ponto alto, pois a presença de arrecifes formam pequenas piscinas naturais.

Na praia do Paiva acontecia uma das maiores manifestações culturais da região: a Festa da Lavadeira, um evento cultural popular que surgiu em 1987, hoje está sendo realizada no centro do Recife, por falta de apoio do Governo Municipal e Estadual. As praias citadas fazem parte do território de SUAPE que onde se encontra vinte e sete engenhos, com famílias que moravam nos seus territórios desde aproximadamente a década de 1960. Hoje pelo avanço das indústrias do complexo estes engenhos estão perdendo suas terras e seus moradores praticamente expulsos de suas terras.

¹ Maria José dos Santos, natural de Maceió-AL, formada em Pedagogia pelo Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ (2001) Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Patos – FIP (2003), Mestre em Educação: História, Política, Sociedade, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro da Universidade Federal Rural de Pernambuco (NEAB), Ex-Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós-graduação da Fundação Ford. Contato: yiamaze@gmail.com

As mulheres que participam desta análise são moradoras desses povoados litorâneo, partilhando suas experiências, durante as oficinas. São mulheres que vivem do trabalho da pesca, indo para a maré ou fazendo a limpeza ou criando artesanatos.

A realidade das pescadoras tem como destaque, o índice de analfabetas entre estas é elevado. Parece contraditório, mas, são estas mulheres quem guardam o registro de suas histórias e de sua comunidade, através do repasse diário vão refazendo e reaprendendo como atuar na sociedade. Por acreditar na oralidade como uma das formas de aprendizado e registro da história. Por este motivo utilizei a metodologia da história oral, mas especificamente a história de vida, em consideração a cultura e uma das identidades local.

Este estudo pretende ser mais uma contribuição para a efetivação de novas políticas públicas que contemplem as mulheres negras pescadoras, as quais até então lutam para superar os desafios diante das diversas formas de preconceito, especialmente por serem mulheres, negras e pescadoras.

Mulheres Negras Pescadoras

O nosso país, que se favoreceu do trabalho escravo ao longo de quatro séculos, colocou à margem as mulheres uma das principais agentes construtoras, de suas riquezas, colocando as mesmas na miséria, sem trabalho, sem possibilidade de sobrevivência e sem condições dignas. No entanto Gomes (1995) assegura que:

A trajetória das mulheres negras, desde quando elas foram trazidas como escravas para o Brasil foi de luta e resistência. A mulher negra, apesar de desagregada de sua família e tendo que trabalhar na roça, na casa-grande, amamentando as crianças brancas enquanto lhe era negado a própria maternidade, e considerada objeto de prazer para satisfazer aos desejos dos senhores, conseguiu estabelecer-se com dignidade no espaço público, ao lado dos homens, superando-os, não raro, em vários aspectos. (1995. P. 115-116)

De fato a realidade da mulher negra hoje se manifesta na prolixa trajetória vivida no período de escravidão com apenas pequenas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do Brasil, (Anuário das Mulheres Brasileiras - DIEESE, 2011). Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com remuneração menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial, e ascender socialmente têm menos possibilidade de encontrar companheiros no mercado conjugal.

São as que carregam até hoje o mito da mulher sexuada, visão concebida em uma sociedade patriarcal onde sempre se determinou o poder dos homens sobre as mulheres.

É neste contexto que podemos observamos a realidade das pescadoras que são moradoras do município do Cabo de Santo Agostinho localizado em área litorânea, que foi ocupada por indígenas dos povos Caetés, em uma longa história, que se inicia antes da chegada dos portugueses. Atualmente, na região do Cabo de Santo Agostinho está instalado um dos mais importantes complexos industriais e portuários do país, o de Suape, como descreve Silveira.

No atual território de SUAPE há vinte e sete engenhos, com famílias que vivem nos seus territórios desde aproximadamente a década de 1960. Na década de 1970, houve alguns processos de registro de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA – como é o caso dos moradores do Engenho Tiriri. Mas, no final da década, especificamente em 1979, começa a ser instalado o Complexo Industrial Portuário SUAPE e, com ele, iniciam-se as expropriações e os conflitos ambientais (SILVEIRA, 2010).

Segundo os dados citados, além de sua importância econômica, trata-se de uma região de relevância histórica para todo o Nordeste. Os avanços para as indústrias, mas, de marginalização dos habitantes do território, encontra-se vários conflitos e trazendo para a vida das mulheres pescadoras consequências irreparáveis. As comunidades pesqueiras são exploradas de suas terras e de suas fontes de sustentação, de forma violenta e criminalizada ao se manifestarem contra os projetos abusivos que avassalam suas formas de vida e suas identidades. Tornando-as vítimas da injustiça, social, ambiental e sem contar com a múltiplas formas de contaminações que encontra-se embutidas nas lógicas de produção e de funcionamento destes complexos, que afetam as suas identidades e desestrutura a convivência familiar. Sem contar com o nível de elevado de prostituição visto que o município se torna área de dormitórios, e ponto turístico. A mulher negra pescadora neste contexto é a que embora esteja fora do padrão com expressa Carneiro:

As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. (CARNEIRO, Suely, 2010).

São as ainda vista como “a boa de cama”. É possível perceber que não é fácil ser mulher negra em um país como o nosso, onde somos ignoradas, e colocadas a margem

da sociedade, é necessário coragem para sobreviver e desmistificar este quadro carregado de preconceitos.

A história da mulher negra nas lutas para ocupar seu espaço de direito na sociedade brasileira, vamos observar que cada conquista é fruto de entrega, persistência e resistência.

Conceição Evaristo:

A noite não adormece nos olhos das mulheres, a lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa memória. A noite não adormece nos olhos das mulheres, há mais olhos que sono onde lágrimas suspensas virgulam o lapso de nossas melhoradas lembranças. (EVARISTO, 2008, p.21)

No decorrer dos trabalhos com as pescadoras, perceberemos na atuação das mesmas essa vigilância, de fato atentas a tudo, pois em sua maioria são as que assumem várias funções na família e na comunidade, como expressam em seus relatos:

Ser mulher aqui onde moramos é difícil porque é quem arca com toda responsabilidade da casa, dos filhos e do trabalho tudo que acontece é nós mulheres quem resolve. (RELATO I, 2013).

Nós fazemos o que os homens fazem e muito mais, mesmo assim ganhamos menos. Nossa luta não é reconhecida por ninguém. (RELATO II, 2013).

Nos relatos das mulheres, podemos perceber que a história se repete, são elas quem assume toda responsabilidade, porém durante as oficinas de formação começam a despertar para as suas identidades pessoal e coletiva, Hall mostra a importância deste despertar das mulheres ao dizer que:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006,P.13).

Desse modo as mulheres despertam coletivamente para suas identidades quando afirma:

“Pescadora é toda mulher que realiza atividade de captura de peixe, siri, marisco, ostra, sururu, lagosta, camarão, caranguejo e outros. Podendo ser coletiva, individual ou em regime de economia familiar. É também a mulher que se beneficia do pescado, comercializa a produção e confecciona apetrechos da pesca.” (Cartilha, Articulação Nacional da Pesca, 2012).

A tomada de consciência o corre em um contexto comum, na articulação com outras mulheres e a partir da necessidade de serem reconhecidas como profissionais, o

ser pescadora, algo que as dignificam e dar abertura para se verem quanto mulheres da pesca. As atividades foram um dos elementos que fortaleceu as mulheres e deu oportunidades para que as mesmas avaliassem suas contribuições seja na família ou na comunidade.

Esse momento para mim tem uma grande importância, porque não é só formação, mas é também um momento de aumentar os laços de amizade e nos unir mais. É também um momento nosso de crescimento pessoal e torna-se também um espaço de terapia, onde agente se descobre quanto mulheres. (Fala das Mulheres durante o curso, Agosto 2013).

A nossa luta é por dignidade direitos iguais de fato, pois trabalhamos igual a todo mundo, mas o nosso trabalho não é reconhecido. Quando vestimos nossas roupas da pesca somo, vitimas de chacotas e preconceitos. (Depoimento agosto 2013).

Sou Marisqueira não devo a ninguém e criei meus filhos na pesca, digo isso por que sou vitima de vários tipos de discriminação por ser marisqueira. Aqui o povo diz piadas quando agente passa na volta da pesca, agente escuta é muita coisa. (Depoimento em roda de dialogo – Julho de 2013).

Nos depoimentos acima, são visíveis as mudanças nas vidas dessas mulheres que descobrem a importância de estar no coletivo e fazer deste um eixo superação dos preconceitos e ao mesmo tempo vivenciar suas identidades. Através das rodas de diálogos e das reflexões o conhecimento trazido do cotidiano de cada uma, durante as oficinas e revivendo mutualmente fez as participantes redescobrir valores contidos em suas histórias de vidas que até então estavam silenciados no seu, eu individualmente. A abertura para construção de uma identidade coletiva ocorre com fluidez, visto que são mulheres que trazem em suas trajetórias a herança do viver em grupos Santos (2014) nos alerta que:

Isso acontece nas culturas que não perderam a influencia das tradições africanas. [...] trazem consigo esse dom de reconstruir, fortalecidas pela herança de seus antepassados. (SANTOS, 2014, pg. 61)

As lutas dessas mulheres vão sendo ampliadas seja, nos movimentos, nos grupos de pescadores e pescadoras artesanais, nas comunidades e organizações que assumem os objetivos de forma organizada e que se fortalecem a partir de grupos locais, regionais, estaduais e nacional. Neste sentido Castells diz em seus escritos que: “*Identidade de resistência: relacionam-se aos sujeitos que desvalorizados e discriminados pelas instituições pautam sobreviver através da resistência.*” (CASTELLS, 1999).

A participação efetiva de mulheres como protagonistas marcam o momento atual de pescadores e pescadoras. A presença negra no movimento da pesca ainda é muito tímida em termos de reconhecimento de seus diferenciais embora sendo uma das marcas profundamente importante na nossa identidade. As mesmas acreditam no poder da coletividade e faz deste seu eixo de afirmação e fortalecimento do seu ser mulheres negras e pescadoras.

Recomendações e Reflexões

Ao trazer estas reflexões junto as mulheres na perspectiva da História oral perceber as pescadoras anunciam o contexto da pesca e suas historia de vida vem contribuir com dois aspectos importantes. De um lado, ao fazer critica a denuncia do “eu” (eurocentrado) produzido pelo branco europeu considerado sujeito superior, que além de tomar posse da terra do outro, produziu cultura impondo como única. Por outro, ao enunciar a identidade do outro em sua diferenciação, resulta na reinterpretação histórica dos grupos explorados possibilita reescrever a historia ouvindo as vozes destas respectivas mulheres.

Observa-se que estas mulheres como demais sujeitos estão localizados num tempo sócio-histórico em condições constituída pela exploração e negação do Outro, que em suas bases nas relações de produção estão sendo ameaçadas pela sociedade capitalista no avanço das industrias no complexo do Suape.

Ao refletir a situação das mulheres pescadora feminina na perspectiva de pesquisas que provoquem atenção tanto em compreender a exploração dos sujeitos (mulheres, negros, negras, jovens, crianças e idosas) negados quanto o fortalecimento da identidade pelo cenário acadêmico e social. Estamos convidados/as numa perspectiva teórica debruçar sobre estudos não restringindo a questões simples idealistas, mas o exercício de fala e de reposicionamento do sujeito no espaço social.

Bibliografias

BRAGA, R. A. P.; MOURA, H. F.; DUARTE, M. T. Impactos ambientais sobre a estrutura do manguezal de Suape. Projeto Avaliação de Impactos Ambientais em Zonas Estuarinas de Pernambuco. Recife: UFPE, 1989. BRASIL – Programa de Aceleração do Crescimento. Disponível em: < <http://www.pac.gov.br/obra/1440>> Acesso em jul. 2012

CARNEIRO Sueli

<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>

CASTELLS, Manuel, O poder da Identidade. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

EVARISTO, Conceição. Poema da Recordação e outros Movimentos. Belo Horizonte: Nandyala (Coleção vozes da diáspora negra, volume 1). 2008

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós- Modernidade. Rio de Janeiro; D&A. 2006

MACHADO, Thiago Adriano et al. Os espaços de fluxos e novas materialidades: o Porto de Suape-PE. Anais do XII Encontro de Geógrafos de América Latina, Montevideu: 2009.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus identidade negra. Belo Horizonte; autentica editora, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Educação Raça e Gênero: relações imersas na alteridade. In. Cadernos PAGU (6-7). Campinas – SP: Ed. Unicamp. 1996

_____. A mulher Negra que vi de Perto. Belo Horizonte: Mazza Edições. 1995.

PERNAMBUCO – Complexo Industrial Portuário – SUAPE. Disponível em: <www.suape.pe.gov.br> Acesso em 9 abril 2012.

SANTOS, Maria José dos. Trajetória Educacional de Mulheres Quilombolas no Quilombo das Onze Negras do Cabo de Santos Agostinho-PE. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2014.

SILVEIRA, Karla Augusta. Conflitos socioambientais e participação social no Complexo Industrial Portuário de Suape, Pernambuco. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Recife: UFPE, 2010.

SILVEIRA, Pedro (org.). Reservas extrativistas e pesca artesanal: etnografia do campo socioambiental em Pernambuco – Relatório final de pesquisa. Recife: FUNDAJ, 2011.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PROGRAMAS SOCIAIS E DA MULHER: Política de Assistência no Município do Cabo de Santo Agostinho. Cabo de Santo Agostinho, 2010/2011.

SUAPE – Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros. Projetos e Oportunidades: apresentação do complexo de SUAPE. Ipojuca: SUAPE, 2011.

<http://cppnorte.wordpress.com/carta-do-movimento-dos-pescadores-e-pescadoras-artesanais/>

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2013.

THEODORO, Helena. Mulher negra luta e fé- Séculos XVI a XIV. In: (Pesquisa em setembro de 2011)